

"Formação humana e sociedades plurais" é o tema central que reúne a maioria dos artigos apresentados neste volume da Revista *Espaço Pedagógico*. Refere-se a uma preocupação que tem nos inquietado há tempo e que se insere, grosso modo, no âmbito do diálogo entre a educação iluminista moderna e a educação contemporânea. Nesse contexto, perseguimos a intenção de saber até onde e em que sentido ideais iluministas modernos servem-nos ainda para pensar problemas filosóficos e educacionais atuais e em que medida precisam ser negados e/ou transformados significativamente. Se podemos abrir mão da razão, ou se deveríamos repensar o modo de concebê-la e empregá-la para dar conta da pluralidade que nos acomete intensamente nos mais diferentes âmbitos de nossa vida social.

Ao colocar o problema nesses termos, adiantamos que não se trata, por um lado, de fazer *tabula rasa* do passado, nem, por outro, de querer verter, simplesmente, para o presente ideias formuladas em contexto histórico e social distante e muito distinto do nosso. Isso revela, de qualquer modo, nossa convição de que um diálogo reciprocamente produtivo entre filosofia e educação e que também possa se constituir em reflexão sobre a atualidade não pode, de forma alguma, prescindir do diálogo vivo e crítico com a tradição intelectual passada. Nesse caso, com a tradição iluminista moderna, especialmente aquela que se gestou em diferentes países do velho continente europeu. Obviamente que o problema todo se coloca no modo como interpretamos essa tradição e como podemos torná-la "operativa" na educação, ou seja, como podemos dinamizá-la criativamente na escola, por exemplo, na estrutura curricular.

É no diálogo com essa tradição intelectual específica, no caso, a iluminista, que ainda podemos aprender algo sobre o sentido e a finalidade da formação humana. O contexto iluminista moderno, em suas diferentes versões, gestou uma ideia educativa do si mesmo (Selbst/Self/Soi même) como autoformação (Selbstbildung),

http://dx.doi.org/10.5335/rep.v21i1.3868

que somente seria possível na interação entre sujeitos, e não de modo isolado. Também antecipou um princípio pedagógico irretrocedível à educação contemporânea, que está na base de uma ideia republicana e democrática de educação. Compete ao educando, assim reza o conteúdo de tal princípio, fazer suas próprias experiências, pois sem o cumprimento de tal exigência os referenciais mais caros do que significa ser humano ficam comprometidos, como a maioridade e a capacidade de julgar por si mesmo. Contudo, fazer suas próprias experiências não significa, sobretudo no caso da criança, abandoná-la ao léu, pois o adulto tem a responsabilidade intransferível de introduzi-la no mundo que lhe é estranho. Nesse sentido, a capacidade espontânea de iniciar uma nova ação que compete ao educando precisa ocorrer sob a presença do outro como um educador, o qual possui a tarefa indispensável e intransferível de fazer chegar, pedagogicamente, a tradição, na forma de conhecimento (escolar), ao educando.

Certamente, de modo contrário à posição de muitos pedagogos e filósofos contemporâneos, a modernidade iluminista foi capaz de formular, mesmo que de maneira ambígua e confusa, uma ideia aberta de formação humana. Sem poder reconstruí-la em detalhes, neste momento, podemos ao menos resumir o núcleo de seu percurso. Tendo início na noção rousseauniana de perfectibilité, tal ideia adentra o contexto iluminista alemão, materializando-se tanto na noção de educabilidade kantiana (Bildsamkeit) como na própria noção de formação (Bildung) de matriz humboldtiana. Formar a si mesmo no convívio com o mundo e buscar desenvolver todas as suas potencialidades e forças nas mais diferentes direções, interagindo crítica e criativamente como o mundo, sem mais depender de forças externas transcendentes, é um dos núcleos dessa ideia de formação.

Tal ideia, gestada na modernidade, sobretudo na tradição francesa e alemã do século XVIII, pode servir, ainda, como referência crítica ao reducionismo inerente ao "paradigma da aprendizagem", que domina o cenário educacional contemporâneo. Onde repousa tal reducionismo? Em primeiro lugar, do ponto de vista social e político, no esforço feito pela economia de mercado globalizada em oferecer ao paradigma da aprendizagem uma linguagem eminentemente economicista, fazendo-a adentrar, inescrupulosamente, a esfera educacional, a simbologia conceitual e o modus operandi dos diferentes modelos de gerenciamento empresarial. Em segundo lugar, do ponto de vista epistemológico, no fato de restringir, no mais das vezes, o problema do aprendizado humano à questão cognitiva, concentrando-se no desenvolvimento apenas de certas "competências" e "habilidades" do educando. Por fim, em terceiro lugar, do ponto de vista especificamente pedagógico, o paradigma da aprendizagem, em mais do que uma de suas vozes, tende a colocar o educando no centro da aprendizagem, fazendo isso, equivocadamente, em nome do enfraqueci-

mento do sentido e do papel do educador. Em síntese, da propensão ao cognitivismo e da centralidade da linguagem pedagógica nas competências e habilidades resulta, em última instância, o esquecimento da pergunta pelos objetivos e conteúdos da educação. Também vem a reboque, com isso, a redução da "questão educacional" a problemas de ensino, e este, por seu turno, vê-se reduzido, mais uma vez, a procedimentos didáticos no sentido meramente técnico-instrumental.

Obviamente que a retomada da ideia moderna de Bildung não pode ser vista como tábua de salvação para o grande e agitado oceano que banha o cenário pedagógico contemporâneo. Se considerarmos agora, nos termos de um diagnóstico de época, a moderna ideia da Bildung, confrontando-a com a sociedade plural contemporânea, com formas de vida cada dia mais descentradas e individualistas, seremos levados a acentuar fortemente a tendência, a ela já inerente em germe, de historicização e destranscendentalização da formação humana. Ou seja, sob a ótica da pluralidade, não é só o substantivo "formação", mas também e, sobretudo, a forma adjetivada "humana" que precisa ser posta em questão e profundamente problematizada. Não se aceita mais, por exemplo, no âmbito do debate das teorias educacionais contemporâneas, que o humano esteja vinculado à ideia de uma "essência pronta" que desabrocha ao longo de seu percurso, provocada pela ação externa do educador. Daí se justifica também, no contexto dessa mesma exigência, o esforço para escavar criticamente a noção de perfectibilité, buscando desenterrar a noção de educabilidade humana como um processo aberto e indeterminado, que ocorre em um mundo plural de iguais entre iguais, sem que se deva determinar previamente, de modo autoritário, o fim que se pretenda alcançar.

Diante de tantas e tão importantes questões, colaboram neste volume de *Espa- ço Pedagógico* inúmeros pesquisadores, de diversas regiões do Brasil e do exterior, que mobilizam seus esforços intelectuais em torno da temática central "formação humana e sociedades plurais", reunindo, ainda, contribuições em outros temas de interesse educacional.

Hans-Georg Flickinger abre a edição com o artigo "A educação diante da complexidade da sociedade contemporânea", discutindo as condições de possibilidade de as políticas educativas fazerem frente à complexidade social em que nos encontramos e indicarem modos específicos de se lidar com ela. Na mesma perspectiva temática, Pedro Goergen apresenta o artigo "Formação humana e sociedades plurais", em que situa as sociedades contemporâneas no contexto de crise geral das certezas da racionalidade moderna, apontando os limites da tradição pedagógica fundada nos conceitos de certeza e autoridade e o desafio de pensá-los a partir da pluralidade, do reconhecimento e da dialogicidade.

"Educação e desenvolvimento: cultivando a humanidade nas esferas da sociedade civil" é o artigo que nos oferece o português Manuel Gonçalves Barbosa, o qual põe a dialogar as demandas da educação e do desenvolvimento econômico, advogando em favor do potencial educativo dos diversos agentes da sociedade civil para fomentar o desenvolvimento, tendo como princípio o cultivo da humanidade para enfrentar os graves desafios nas áreas da governança, da cultura, dos direitos humanos, da justiça e das relações com o meio ambiente. O instigante artigo de Antonio Gómez Ramos, "La paradoja de la estupidez", leva-nos a pensar sobre as relações entre os processos formativos da educação, a construção da subjetividade e o fenômeno da estupidez, mostrando o paradoxal papel que a estupidez assume na constituição dos sujeitos, especialmente nos processos educativos.

Pedro Angelo Pagni, em seu texto "O sentido ético da dramática de si e o significado político da poética da diferença na pragmática do ensino: considerações à luz de Foucault", traz elementos que provocam o educador a refletir sobre a possibilidade ética de sua (auto)transformação, assim como acerca do sentido da formação do outro em sua atividade educativa. No artigo intitulado "As razões do não idêntico e implicações formativas no contexto atual", Alex Silva convida-nos a analisar a importante questão: como podemos compreender o sentido do não idêntico a partir das necessidades de uma educação crítico-formativa e das condições para efetivá-la no âmbito das reflexões filosófico-educacionais?

André Luiz de Oliveira Fagundes e Amarildo Luiz Trevisan, com o artigo "A reificação da formação docente diante da onipresença das competências", têm o propósito de analisar as últimas reformas educativas e sua reivindicação de ampliar o lugar da prática na formação docente, perscrutando se ali se encontram possíveis manifestações da reificação nos processos educativos. André Gustavo Ferreira da Silva e Luis Lucas Dantas da Silva apresentam o texto "Kant: a formação moral como uma tarefa histórica da espécie humana", buscando responder a questões como: qual a condição de possibilidade para a educação moral em Immanuel Kant? O que daria condições para que a moralidade fosse o estado moral de toda humanidade? Qual a condição de possibilidade para o progresso moral da humanidade?

Na seção de artigos de demanda contínua, Bianca de Freitas Linhares apresenta o texto intitulado "O ensino de metodologia de pesquisa na visão de alunos de ciências sociais e de ciência política", fruto de uma pesquisa de diagnóstico realizada junto a cinquenta estudantes de pós-graduação, acerca do seu entendimento sobre o ensino de metodologia de pesquisa. Na mesma seção, Cleci Teresinha Werner da Rosa, Luiz Marcelo Darroz e Alvaro Becker da Rosa, com o artigo "Estudo das rampas para cadeirantes: uma proposta de tema interdisciplinar para o ensino médio", oferecem uma alternativa de intervenção didática aos professores

do ensino médio que possa contribuir para o enfrentamento do desafio do trabalho interdisciplinar na escola.

Na seção Diálogo com Educadores, o Prof. Dr. Bruno Pucci compartilha conosco a sua rica história de vida e vasta experiência profissional, percorrendo uma trajetória em que se mesclam reflexões de ordem sociocultural, política, religiosa, educacional.

Por fim, na seção Resenha, Nara Peruzzo apresenta-nos a mais recente obra de Gert Biesta, Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano (2013), e Altair Alberto Fávero analisa a coletânea intitulada Estudos epistemológicos no campo da pesquisa em política educacional (2013), organizada por César Tello e Maria de Lourdes Pinto de Almeida.

Esperamos que os/as leitores/as da Revista *Espaço Pedagógico* apreciem os artigos e resenhas aqui publicados e que se inspirem na trajetória do nosso entrevistado na seção Diálogo com Educadores para fortalecerem seus estudos e práticas no campo educacional. Uma boa leitura!

Claudio A. Dalbosco – Organizador Flávia Eloisa Caimi – Editora-chefe